

A FISIOPSICOLOGIA DO NAZARENO EM O ANTICRISTO

AUGUSTO MARTINS DE ÁVILA¹;
CLADEMIR LUÍS ARALDI²

¹UFPEL – augustosvp009@gmail.com

²UFPEL – clademir.araldi@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Em sua autobiografia filosófica Friedrich Nietzsche termina escrevendo categoricamente “— Fui compreendido? — *Dionísio contra o Crucificado...*” (EH, Por que sou um destino 9, 2001). A figura de Dionísio aparece elencada como a ferrenha figura de ascendência contra aquilo que o autor havia tanto criticado, o cristianismo. Dionísio como a síntese de todos seus escritos. O que nos coloca a pensar, Nietzsche é alguém que está inscrito no crescimento do ateísmo entre os intelectuais alemães do século XIX, entretanto ele ainda incorpora no debate uma figura divina como molde mais geral de sua filosofia. Desde o início da trajetória filosófica do autor, Dionísio aparece como o deus da desmedida, da natureza em sua forma mais transformadora, o devir, um forma de valorização da vida.

Dessa forma, Nietzsche não constrói sua crítica ao cristianismo como uma mera negação da religião e do divino, mas sim da religiosidade carregada de uma noção transcendente da vida, que leva confabulações ilusórias de uma moralidade normativa em referências a uma axiologia de um além. Dessa forma Renato Nunes Bittencourt (2009) coloca que “Nietzsche estabelece uma violenta oposição contra as perspectivas religiosas que estabelecem suas valorações na ordem cultural da sociedade através da instauração de sistemas morais marcadamente normativos e coercitivos”. Porém Nietzsche não é só crítico ferrenho da religiosidade com princípios metafísicos mas é crítico ferrenho de toda metafísica, pois segundo ele, foi através dela que se negou o “aparentemente pequeno”, isto é, negou-se a natureza e a vida.

Negando assim o transcendente devemos encarar a crítica de Nietzsche ao cristianismo e exaltação de dionísio em seu caráter imanente e histórico, dentro dos marcos materialistas de disciplinas nas quais Nietzsche foi especialista, como a filologia, e que se aproximava enquanto leitor e experimentador em seus escritos como medicina, fisiologia e ciências naturais no geral. Assim debateremos no presente trabalho as reflexões de Nietzsche sobre Jesus enquanto tipo fisiopsicológico inserido em uma certa interpretação da figura histórica na obra *O Anticristo* (AC, 2007), que foi publicada postumamente, mas que reserva algumas reflexões finais do autor sobre sua crítica à moralidade cristã e toda a civilização ocidental, buscando saídas afirmativas. Dessa forma precisamos caracterizar o Nazareno da forma que importa a Nietzsche no §29: “O que me importa é o tipo psicológico do Redentor.” (AC 29, 2007) e discutir de maneira séria o que o autor de Zaratustra quer dizer no mesmo parágrafo ao se dirigir a Jesus: “Falando com o rigor do fisiólogo, caberia uma outra palavra aqui — a palavra “idiota”.”(ibid.)

2. METODOLOGIA

Após a publicação de *Assim Falou Zaratustra*, Nietzsche percebe a necessidade de um grande projeto filosófico que respondesse às problemáticas que ele vinha apontando, como a crítica à tradição ocidental da metafísica e da moral.

Nietzsche inicialmente planejou escrever *Vontade de Poder*, mas mas foi um projeto abandonado em 1888, dando início à escrita de uma "Transvaloração de todos os valores" em quatro livros, dos quais *O Anticristo* seria o primeiro. Em suas obras anteriores, Nietzsche já havia criticado a moral ocidental, através de estudos genealógicos do cristianismo e da metafísica filosófica que o alimentava. *O Anticristo*, terminado em setembro de 1888, foi chamado em carta por Nietzsche como a materialização dessa transvaloração, uma guerra contra os valores decadentes da civilização ocidental e do cristianismo. Nietzsche propõe uma transvaloração que promova a vida, em oposição ao desprezo pela vida que ele identificava no cristianismo. Porém se a transvaloração está nessa obra devemos lê-la com cuidado para entender o desenrolar desse projeto de afirmação. A leitura de *O Anticristo* deve ser feita com atenção à fisiologia (GRZELCZYK 2005; MOORE 2004), ou seja, ao impacto que o cristianismo e sua moral tiveram sobre o corpo e os instintos humanos que foram desprezados em troca de uma vida supra-terrena. Sua crítica ao cristianismo deve ser vista como uma "guerra de morte" contra uma moralidade que nega a vida. Como interpretes de Nietzsche devemos seguir sua orientação de uma "leitura lenta" de suas obras, sem distorcer as palavras, mas compreendendo que elas dizem mais do que escritas explicitamente. A chave para entender *O Anticristo* está na abordagem fisiopsicológica que ele utiliza, na qual o corpo e os aspectos psicológicos são centrais para sua crítica à figura de Jesus enquanto idiota e a moral cristã que não é homogênea com essa idiotia.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Entre os comentadores de Nietzsche temos diferentes interpretações e contextualizações que a palavra 'idiota' é contextualizada na leitura d'*O Anticristo*. No livro a palavra aparece no singular sendo citada quatro vezes e duas no plural, em diferentes sentidos entre si. Temos também um outro momento em que Nietzsche cunha um neologismo 'idiota-entusiasta' para caracterizar a figura de *santidade* que foi feita de Jesus pelos cristãos (AC 51, 2007). O termo 'idiotismo' é citado enquanto condição patológica três vezes. O que nos interessa é debater a citação da palavra enquanto conceito fisiopsicológico no §13 e §29 que na principal tradução para o português de Paulo César de Souza, *O Anticristo* (2007) ele toma nota junto ao comentador Walter Kaufmann (AC, Nota do Tradutor 13, 2007) de naquele momento dos escritos de 1888 o sentido da palavra remete a Fiodor Dostoiévski, definindo o idiotismo como "essa mistura de sublime, enfermo e infantil", comparando o ambiente dos evangelhos ao dos romances de Dostoiévski."(id. Ibid.). O próprio tipo psicológico do idiota é aquele descrito no romance *O Idiota* (DOSTOIÉVSKI, 2002). No corpo d'*O Anticristo* podemos citar uma passagem que levam a intuir essa interpretação: "Esse mundo peculiar e doente em que os evangelhos nos introduzem — como o de um romance russo, no qual a escória da sociedade, as doenças nervosas e o idiotismo "infantil" parecem ter um encontro"(AC 31, 2007). Outro comentador favorável a essa interpretação é Curt Paul Janz (2016) em sua colossal biografia em três volumes de Nietzsche, em sua seção sobre o Anticristo comentando a *idiotês* escreve: "Jesus não era da oposição, não era "combatente" [...], ele era um renunciador, uma pessoa "privada" (é este o sentido de *idiotês*, em grego). Foi a interpretação de sua vida pelos discípulos e apóstolos que introduziu o "não" como reação ao mundo.". Essa interpretação tem eco junto a Jörg Salaquarda (1985) que caracteriza como "homem apolítico [...] um cidadão privado que se abstém de participar dos negócios do Estado".

Essa posição de não reação nos é cara, pois podemos entender aí a diferenciação e possibilidade de afirmação do Nazareno, frente à moralidade cristão que é marcada pelo ressentimento, ou seja, vingança psicológica e ilusória da falta de ação, o dizer não. O nazareno não diz nem sim e nem não, ele não reage, é um idiota. Porém se seguirmos a literatura da psiquiatria do final do século XIX da qual o nosso autor tem acesso, a idiotia está ligada a uma certa anemia psicológica, uma fraqueza de falta de posicionamento, que está ligada intimamente com condições fisiológicas de fraqueza, degenerescência e dificuldade de reação a estímulos externos, “impor resistência”. Nesse sentido podemos entender a contenda de Nietzsche com as interpretações românticas de Ernest Renan (1915) que diz da figura histórica de Jesus ser ele um *gênio* e um *herói*. Para o nosso autor, tais interpretações não se sustentam visto que Jesus não é um homem de ação como *herói* e não renova uma cultura inserido nela através de uma novidade como se entendia o *gênio* no romantismo.

Para Renato Bittencourt (2011), essa não reação, essa inadequação que podemos entender esse homem apolítico, que se interioriza e que no §32 d’*O Anticristo* é explicitado como uma fé, que é a própria prática do Nazareno, sua “boa nova”. Para Bittencourt isso implicaria uma prática crística de afirmação do humano, do imanente e do vivido no terreno, uma condição antagônica à fuga do ressentimento cristão para outro mundo desprezando a vida mundana. Crescer interiormente em vida e não depois. Para nós, que estamos seguindo uma leitura fisiopsicológica do período de escrita d’*O Anticristo*, acreditamos que Nietzsche até percebe o Nazareno como um tipo outro de experiência humana porém, ele está inscrito numa idiotia doente. Uma incapacidade de criar ações afirmativas e expandidoras de vida. Concordamos com Alan Sena (2012) ao dizer que Nietzsche em sua investigação sobre o “tipo” de Jesus, recorreu a conceitos psiquiátricos e fisiológicos, especialmente a partir da obra do médico e psiquiatra francês Charles Féré, ao invés de se basear em dados historiográficos, exegéticos ou arqueológicos. Nietzsche se apropria da ideia de hiperexcitabilidade, interpretada por Féré como um sintoma de degenerescência fisiológica progressiva, para elaborar suas considerações sobre Jesus. O ponto central é a incapacidade de resistência, elemento que Nietzsche utiliza para caracterizar o tipo de Jesus como alguém incapaz de opor resistência aos que lhe fazem mal ou dor. Esse enfoque fisiológico e psiquiátrico reforça a teoria da *décadence* de Nietzsche, onde ele vê em Jesus um exemplo de fraqueza e passividade diante do sofrimento, fundamentado em um estado degenerado.

4. CONCLUSÕES

A obra d’*O Anticristo* é multifacetada, ela toca em diferentes esferas e o tipo de crítica apresentada na obra toma caráter de elogio mas também de ataque. No presente trabalho buscamos debater o que Nietzsche elogia em Jesus justamente para delimitar o que podemos considerar de crítica à figura do Nazareno. Elogio quanto uma posição *extramoral*, que não aplaca uma normatividade no tecido do real criando fixidez e desprezo à vida, e uma crítica por não conseguir afirmar o valor da vida e do corpo. Não promete porque não nega, a prática de Jesus apenas não reconhece uma suposta substancialidade do mundo. Os paradoxismos da filosofia de Nietzsche são sua riqueza e honestidade, falar que o cristianismo promete tudo pois nega tudo e o Nazareno não promete nada, e entrega o divino (tudo), pode soar sedutor, mas mesmo Nietzsche se pergunta se Jesus era consciente de sua condição de não reação. Assim ficamos com a posição de que

ele mesmo não é um tipo afirmador, é um anêmico que não impõe transformações pujantes em si e no mundo, mas podemos colocá-lo como um outro tipo fisiopsicológico que impõe dentro das dinâmicas de poder uma forma diferente de experienciar a realidade. Como um póstumo que diz “Que todas as naturezas bem logradas e generosas se ocupem repetidamente desse anêmico santo de Nazaré, é algo contrário à história natural”(KSA 13, 14[90], 1888). É ele mesmo esse indivíduo contrário a naturezas mais comuns, contrário a três constituições fisiológicas básicas: da vida ascendente, da vida média e da vida *décadent*.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BITTENCOURT, Renato Nunes. A Psicologia da Idiotia e Dostoiévski e Nietzsche. **Revista Digital AdVerbum** v.6, n.1, p.106-120, 2011.
- _____. Nietzsche e a imanência da experiência divina na praxis cristica. **Revista Páginas de Filosofia**, v.1, n.2, p.129-153, 2009.
- _____. Nietzsche e sua compreensão extra-moral da experiência originária da beatitude evangélica de Jesus. **Revista Dissertatio de Filosofia**, v. 34, p.447-468, 2011.
- DOSTOIÉVSKI, Fiódor. **O Idiotia**. Trad. de Paulo Bezerra. São Paulo: Ed. 34, 2002.
- GRZELCZYK, Johan. Fere et Nietzsche. Au sujet de la decadence. In: **Association le Lisible et l'illisible/Le philosophoie**. n.24, pp.188-205, 2005. Disponível em: <http://www.cairn.info/revue-le-philosophoie-2005-1-page-188.html>
- JANZ, Curt Paul. **Friedrich Nietzsche: uma biografia, volume III: os anos de esmorecimento, documentos, fontes e registros**. Trad. de Markus A. Hediger. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.
- NIETZSCHE, Friedrich. **Digital critical edition of the complete works and letters. based on the critical text** by G. Colli and M. Montinari, Berlin/New York, de Gruyter 1967-, ed. Por Paolo D'Iorio. Acessado 16 de out. De 2024. Online. Disponível em: Nietzsche Source: <http://www.nietzschesource.org/#eKGWB>
- _____. **Samliche Werke. Kritische Studienausgabe**. Edição organizada por Giorgio Colli e Mazzino Montinari. 15 Vols. Berlim: Walter de Gruyter, 1980.
- _____. **Kritische Samliche Briefe**. Edição organizada por Giorgio Colli e Mazzino Montinari. Berlim; New York, München: Walter de Gruyter, DTV, 2003.
- _____. **O Anticristo; Ditirambos de Dionísio**. Trad. de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- _____. **Ecce Homo – como alguém se torna o que se é**. Trad. de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- _____. **Genealogia da Moral – Uma polemica**. Trad. de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- MOORE, Gregory. **Nietzsche, Biology and Metaphor**. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.
- RENAN, Ernest. **Vida de Jesus**. Trad. de Eduardo Augusto Salgado. Porto: Livraria Chardron, de Lelo e Irmão, 1915.
- SALAGUARDA, Jorg. Dionysus versus the crucified one: Nietzsche's understanding of the apostle Paul. In: O'FLAHERTY, J. C., SELLNER, T. F. **Studies in Nietzsche and the judeochristian tradition**. Chapel Hill; London: The University of North Carolina Press, 1985.
- SENA, Allan Davy Santos. **Nietzsche e o tipo psicologico do redentor**. Dissertação(Filosofia) – Programa de Pós – Graduação em Filosofia Unicamp, Campinas, SP. 2012.